

Startup brasileira conclui fórmula de medicamento à base de cannabis

Nos EUA, primeiro remédio feito a partir da maconha chega ao mercado

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br

-SÃO PAULO- No momento em que se intensifica a discussão sobre maconha medicinal, uma startup brasileira, a Entourage Phytolab, acaba de concluir o desenvolvimento do que almeja ser o primeiro medicamento à base de cannabis produzido no Brasil. A pesquisa, feita em parceria com a **Unicamp**, no interior de São Paulo, chegou a uma fase crucial: a fórmula foi fecha-

da e poderá ser testada em humanos no primeiro semestre do ano que vem, e talvez vendida nas farmácias já em 2020.

Ontem, a agência que regula alimentos e medicamentos nos Estados Unidos, a FDA, aprovou a venda ao público do primeiro medicamento produzido à base de cannabis. O Epidolex, cuja recomendação de aprovação havia sido anunciada em abril, chega ao mercado americano indicado para pacientes que sofrem de dois tipos de síndromes epiléticas: Dravet e Lennox-Gastaut.

No Brasil, apenas um medicamento à base de cannabis teve até hoje o registro aprovado pela Anvisa. Trata-se do Metavyl, fabricado no Reino Unido pela GW

Pharma Limited e registrado no Brasil pela empresa Beaufour Ipsen Farmacêutica Ltda. A diretoria da Anvisa discute atualmente, em reuniões internas, uma regulamentação sobre a liberação do plantio de maconha para fins medicinais no país.

— O produto em si já está pronto, mas são necessários os testes *in vitro* (em culturas de células), além dos clínicos de segurança e eficácia em pequena escala e larga escala. No curto prazo, o primeiro medicamento será à base de um extrato padronizado rico em canabidiol para a epilepsia refratária. Queremos ser os primeiros a produzir um medicamento à base de cannabis totalmente em solo brasileiro — diz Fabrício Pamplona, diretor cien-

tífico da Entourage Phytolab.

O tema surgiu na vida de um diretor da empresa, o advogado Caio Abreu, quando perdeu a mãe, em 2009, vítima de câncer. Na ocasião, ela chegou a usar cannabis para amenizar as dores pós-quimioterapia.

— Mas a ideia se tornou um propósito irreversível em 2014, quando fui convidado por um amigo para um evento sobre cannabis. O foco era no paciente, e na dificuldade que muitos tinham de ter acesso a um produto confiável sem cometer um crime — conta Caio.

MATÉRIA-PRIMA DO CANADÁ

A empresa foi criada em 2015. O investimento total até o registro do produto, diz ele, chega a R\$ 30

milhões, com aportes de sócios do Canadá e Holanda, países que já regulamentaram o uso recreativo e medicinal da maconha. A matéria-prima inicial para o estudo, aliás, veio do Canadá. Foram dez quilos importados em 2016, mas só liberados em janeiro de 2017, após uma série de trâmites exigidos no Brasil.

Em seguida, entrou a equipe da professora da Faculdade de Engenharia de Alimentos da **Unicamp** Maria Ângela Meireles, que há 36 anos trabalha com desenvolvimento de processos — até então, nunca com a cannabis. Ela foi a responsável por extrair da planta uma mistura de compostos em determinada proporção (a fórmula é mantida em sigilo) com o obje-

tivo de tornar o medicamento eficaz. O extrato bruto produzido na **Unicamp** foi então transferido ao laboratório da Entourage, no interior de São Paulo.

— O momento de discussão no país é ótimo para termos o que chamamos de “mercado de acesso”, que possibilita a distribuição de produtos com qualidade farmacêutica enquanto ainda estão sendo realizados os testes necessários para o registro de produto. Esse foi o caminho tomado por Canadá e Israel, por exemplo, e foi bem sucedido — conclui Pamplona.

Em nota, a Anvisa afirmou que pode contemplar o registro de novos produtos, “caso sejam comprovadas sua eficácia, segurança e qualidade”. ●